

## 23. Oração como missão

Quando se olha a estrutura do Ofício Divino como a deseja São Bento, percebemos que a litania de súplica do *Kyrie eleison* era a conclusão de todas as horas: das Vigílias (RB 9,10-11); de Laudes (12,4 e 13,11); Prima (17,4), Terça, Sexta e Noa (17,5); Completas (17,10). Também em Vésperas, a litania com o *Kyrie eleison* também está no final, mas depois desta tem o Pai Nosso (17,8). No final do capítulo 13, São Bento, após dizer que o Ofício de Laudes termina com a prece litânica, se corrige e escreve que no final de Laudes e Vésperas, se deve sempre rezar o Pai Nosso. É como se para ele, o Pai Nosso e o *Kyrie eleison* se fundissem. De fato, expressam o mesmo pedido de misericórdia.

Em todo caso, é claro que, para São Bento, a prece litânica do *Kyrie eleison*, se conclui os Ofícios no coro, não é tanto para acabar a nossa oração, mas para prolongá-la, para sair do Ofício e da igreja como os pobres do Evangelho, que continuam a seguir Jesus, implorando sua misericórdia para si e para todos.

No capítulo 17 da Regra, sobre o número dos Salmos e a estrutura das várias Horas de oração em comum, ao menos 4 vezes Bento fala do fim do Ofício usando uma expressão semelhante à despedida da assembleia, no final da Missa no rito romano: "*Ite missa est*". Não é uma fórmula fácil de traduzir, e não é claríssima a sua origem e história. Porém, em geral, é interpretada como uma despedida que envia, que envia em missão, da Eucaristia ao mundo que aguarda a comunhão com Cristo. Esta ideia me parece também no sentido que São Bento dá a esta expressão – "*missas*", "*missae sunt*", "*fiant missae*" – no capítulo 17.

A oração em comum, se deve concluir, completar, chegar a conclusão ("*completum est*", RB 12,4; 13,11), na forma de um envio em missão. A despedida da oração do Ofício, é uma despedida de envio em missão. Mas para São Bento, como vimos, o fim do Ofício é unido à repetição da súplica que pede misericórdia ao Senhor, o *Kyrie eleison*. A oração comum da Igreja e, especialmente, monástica, nos envia ao mundo com a missão de invocar sobre tudo e todos, a misericórdia de Deus. E o "mundo" já é a nossa comunidade, trabalho, vida quotidiana, os hóspedes do mosteiro, os ministérios que a comunidade exerce dentro e fora dos muros do mosteiro. O importante não é aonde vamos, mas que, onde quer que estamos e fazemos, carregamos em nós a súplica continua da misericórdia de Deus, e, portanto a esperança certa de que esta salva o mundo inteiro.

O capítulo 17 termina com uma bela expressão: "As Completas compreendem a recitação de três salmos, que devem ser ditos em tom direto, sem antífona; depois deles, o hino da mesma Hora, uma leitura, o versículo, o *Kyrie eleison*, a bênção e se despeça – *et benedictione missae fiant*" (RB 17,9-10).

No Ofício recebemos, portanto, a bênção de envio em missão de misericórdia. Terminamos a oração em comum, e também o dia, porque aqui se fala do Ofício de Completas, com o *Kyrie eleison* e a bênção, e é com estes que somos mandados, enviados, para o mundo inteiro, para aquelas que o Papa Francisco chama de "periferias" do mundo, que não são apenas geográficas, mas existenciais, espirituais. As periferias são os lugares, corações, que ainda não receberam a bênção da misericórdia do Pai, são as "terras distantes" de onde os filhos de Deus ainda não voltaram, os lugares escuros e perigosos, onde as ovelhas perdidas não foram ainda encontradas pelo Bom Pastor.

Somos enviados sobretudo com a oração, com a súplica que mendiga misericórdia, porque estes lugares são, principalmente, o coração de cada ser humano que não recebeu a luz de Cristo. De fato, após Completas entramos na noite, no silêncio, na solidão, em que somos chamados a sentir a necessidade que tem a humanidade da luz e do amor do Verbo de Deus.

Estes lugares estão também em nosso coração, na "periferia" que o nosso coração é muitas vezes para nós mesmos, porque vivemos distraídos da sua sede de Deus, da sua necessidade de receber a Sua misericórdia e de ser misericordiosos, à Sua imagem e semelhança. São Bento nos faz sair de cada Ofício Divino, da oração pública e vocal, da oração cantada em voz alta, trazendo conosco, como o "Peregrino russo", uma oração do coração, um *Kyrie eleison!* interior, uma mendicância contínua de misericórdia para nós e para todos.

Mais uma vez, podemos nos referir a inesgotável parábola do filho pródigo, onde este filho perdido reencontra o desejo pelo Pai, o desejo de ser filho, quando "retorna em si mesmo" (Lc 15,17), isto é, reencontra uma sensibilidade e uma consciência para com o seu coração.

Como é triste quando se vê que a primeira preocupação de muitos monges e monjas em rezar o Ofício é formal, é de "rezá-lo bem", ou de rezar com pressa, em vez de reencontrar neste um contínuo implorar do coração, um *Kyrie eleison* contínuo, sedento de misericórdia para nós e para o mundo! Não se reza bem quando se reza bem, mas quando se reza como pobres, quando se reza para receber o dom da oração, porque na realidade, como São Paulo nos lembra, "não sabemos como rezar de modo conveniente" (Rm 8,26). Para a nossa oração litúrgica, não devemos pedir para ser como o fariseu que "reza bem", na frente de todos, que é "formalmente perfeito", mas que nos tornemos como o publicano que quanto mais reza, mais percebe sua miséria, e por isso consegue somente repetir o seu *Kyrie eleison*: "ó Deus, sede propício a mim, pecador!" (Lc 18,13). Faz "batendo no peito", isto é, acordando o coração do sono, da insensibilidade, convidando-o a se abrir à misericórdia de Deus. Também São Bento, quando fala do "publicano do Evangelho" no 12<sup>a</sup> grau da humildade, nos pede para repetir "*in corde* – no coração", a sua súplica (cf. RB 7,65).

Esta é a nossa verdadeira pobreza, a nossa verdadeira obediência e castidade: aceitar que o núcleo mais verdadeiro e sólido da nossa vocação cristã e monástica, seja a súplica do coração, um coração que mendiga a misericórdia do Pai. Porque este era e é o Coração de Jesus, e o coração da Virgem Maria, o coração da Igreja.

Não é confortável a nossa vocação. Somos sempre tentados a colocar milhares de coisas no centro desta. Mas a mendicância do coração à misericórdia de Deus não é uma vocação triste. Maria, no Magnificat, nos faz entender que apenas do coração humilde e suplicante, jorra a alegria transbordante do louvor a Deus, na esperança certa que a sua Misericórdia já venceu o mal do mundo. São Bento nos diz que é, precisamente, por este caminho que o coração "se dilata na doçura inefável do amor" (RB Pról. 49).

A súplica pela misericórdia dilata, de fato, o nosso coração até as periferias de toda a humanidade, isto é, até abraçar toda a humanidade, a sua necessidade de salvação, na medida sem medida do Coração de Cristo. E esta dilatação é a dilatação do amor, e, portanto, da verdadeira alegria.